

GRESV ROSA VERMELHA 2025: RÉQUIEM DO SOL; VISAGENS ONDE A VIDA VENCE A MORTE.

PROPOSTA:

As lendas e sagas dos povos originários brasileiros são portais para a sabedoria ancestral, narrativas que integram a natureza, o sagrado e a essência humana. Elas nos ensinam a enxergar a vida em sua totalidade, valorizando a interdependência entre o homem e o ambiente. Ao mergulharmos nesses contos, encontramos reflexões filosóficas profundas sobre equilíbrio, respeito e harmonia.

Na crença Tupi, o eclipse solar representa a luta entre a vida e a morte, um momento de escuridão e incerteza. Mas o sol sempre ressurgue, mais forte e brilhante. Esse ciclo simboliza superação e renascimento, nos lembrando que, mesmo nos momentos mais sombrios, há força para vencer desafios e voltar a iluminar o caminho.

A Roseira, incorporando esses ensinamentos, resgata a conexão perdida com o mundo ao nosso redor e reconhece que somos parte de um todo maior. Pretende valorizar e honrar a memória dos povos originários. E cultivar um viver mais consciente e integrado com filosofias que enlevam nossas vidas e mentes frente aos desafios de nosso viver. Assim como o sol triunfa sobre a escuridão, também podemos superar nossas dificuldades, renascendo com mais luz e vigor.

SETORIZAÇÃO:

VISAGEM DA CONTEMPLAÇÃO:

SAGRADA TERRA-MALOCA DO POVO SOLAR.

VISAGEM DO ENGERAMENTO:

A IRA DE JURUPARY E A MORTE DO SOL EM PLENO MEIO DIA.

VISAGEM DAS SOMBRAS:

DEVANEIOS DO BRILHO DE GUARACI-PYRA NOS BRAÇOS DE YACÍ.

VISAGEM DA FORÇA:

GUERREIROS DISPARAM FLECHAS DE FOGO PARA ACENDER O CÉU.

VISAGEM DO RENASCER:

A LUZ E A VIDA VOLTAM A REINAR.

SINOPSE:

SAGRADA TERRA-MALOCA DO POVO SOLAR.

Terra-Maloca – dos Tupi – imensa morada,
Onde a taba se estende em comunhão sagrada,
Cada folha ou rio partem do chão,
Sob Tupã, a vida pulsa em união.

Filhos do Sol, de Tupana são herdeiros,
na luz se banham, guardiões primeiros.

Com pés na terra e olhos no céu,
seguem o astro, guardião fiel.

Guaraci-Pyra sol que nasce é força e magia,
dourando as águas na calmaria.
É pai que aquece, é guia que ensina,
a força que acolhe, e luz que fascina.

Filhos do Sol, das cores são feitos,
na pele pintada, segredos perfeitos.
Guardam a chama que o tempo não apaga,
pois o sol renasce, e a vida se renova.

Assim seguem eles, de luz cobertos,
na floresta eterna de caminhos abertos.
Filhos do Sol, de brilho e calor,
filhos da vida, filhos do amor.

A IRA DE JURUPARY E A MORTE DO SOL EM PLENO MEIO DIA.

Nas sombras da mata, onde o vento se faz medo,
vive Jurupary, cuja alma é um pesadelo.
Ente sombrio, de coração avesso,
com inveja do sol, murmura maledicente:

*"Por que essa luz que a tudo alcança,
não é minha força e minha liderança?"*

Em seu covil profundo,
desejando o poder que rege o mundo.
Invoca um pajé feiticeiro,
de olhos sombrios e feitio traiçoeiro:

*"Vá roubar do sol seu brilho dourado,
traga-me a luz, que será meu legado!"*

Parte o tinoso pajé com cantos e fumaça,
tecendo feitiços, a luz era a caça.
O pajé engera em monstro contra o astro-rei,
com palavras tortas, tal qual uma lei.

De versos medonhos, no breu ancestral,
Xamã gerado em onça de poder mortal.
Gigante das sombras, de ódio sem fim,
um arauto da noite, sombrio e ruim.

Em uma senda se faz o cair do dia,
Enquanto o céu se veste de escuridão,
ele sobe com bote pesado,
e devora o sol, em ato malvado.

DEVANEIOS DO BRILHO DE TUPANA NOS BRAÇOS DE YACÍ.

Seu grito ecoa, gelando o ar,
os rios cessam de pororocar
A luz sucumbe, o mundo desaba,
e a vida, assustada, na escuridão se acaba.

Na sombra surgem pestes e pragas,
nas aldeias, a morte faz suas vagas.
Doenças rastejam com dedos de gelo,
a vida se curva ao sombrio apelo.

Espíritos vagam, clamando perdão,
assombram a noite, sem direção.
As florestas regougam lamentos e dores,
e o medo pinta os dias sem cores.

Nas garras do breu, o terror se estabelece,
a luz se esconde, o medo prevalece
O brilho de Tupana, nos braços de Yací,
é pranto sombrio que ecoa dali.

Os pássaros emudecem, as feras tremem,
as sombras dançam, os ventos gemem.
A noite devora o dia a sorrir,
enquanto o sol chora, ao sucumbir.

GUERREIROS DISPARAM FLECHAS DE FOGO PARA ACENDER O CÉU.

Do horizonte escuro, um raio surgiu,
um abalo terrível, o céu sacudiu.
Na aldeia vibrava o tambor ancestral,
um aviso no vento, a mensagem final:

*“Filhos da terra, lutem com valor,
o Sol é a vida, é força, é calor!”*

Deus Tupã, dos céus, lançou seu poder,
um alento aos bravos, a libertação.
Os guerreiros ergueram lanças de fé,
com pinturas de guerra e coragem em pé.

As flechas voaram, brilhando no ar,
com chamas sagradas, prontos a lutar.
O monstro rugia, cuspidando o medo,
mas o fogo divino rompeu seu enredo.

Os tuxauas cantavam em uníssono forte,
invocando o infinito para guiar sua sorte.
Os raios caíram, cortando o escuro,
e o grande felino tombou no monturo.

O RENASCER DA LUZ E A VIDA VOLTA A REINAR.

A luz então rompeu, abençoando o chão,
trazendo de volta a vida e a canção.
Os bravios dançaram sob o sol renascido,
honrando Tupã pelo sonho vivido.

E assim a lenda ficou a contar,
que a coragem e a fé podem o mal derrotar.
Quando unidos lutamos, de coração,
vencemos até a mais sombria escuridão.

As árvores ergueram seus braços ao alto,
folhas dançaram num doce sobressalto.
Os rios, que antes choravam em vão,
agora cantavam com renovação.

Os pássaros voltaram com vozes em coro,
colorindo os ares em festa de ouro.
E o vento suave, perfumado e leve,
trazia promessas em brisa que enleve.

Na aldeia, os tambores chamaram a dança,
os corpos vibraram em plena esperança.
As crianças sorrindo, correndo na mata,
celebravam a vida que nunca desata.

Os anciãos narravam, sob a luz da fogueira,
o triunfo do povo, história tão bela:

*“De Tupã veio a força, o exemplo,
que fez da floresta um templo”*

Assim o ciclo, em sua beleza infinita,
mostrou que a vida, ainda que aflita,
sempre refloresce, mais forte, mais pura,
no abraço da terra, na luz que perdura.

E os povos dançaram, em riso e canção,
unidos à mata, um só coração.
Pois na festa da vida, do sol ao luar,
o mal se dissolve e não pode ficar.

O ENREDO:

VISAGEM DA CONTEMPLAÇÃO:

SAGRADA TERRA-MALOCA DO POVO SOLAR.

A Terra-Maloca é concebida como uma extensão da taba, uma grande casa onde cada elemento da natureza integra a mesma morada coletiva. Regida pelo poder de Tupã,

essa visão traduz a harmonia entre os povos Tupis e o ambiente, em uma relação de respeito, interdependência e sacralidade, onde a terra não é apenas sustento, mas parte viva da comunidade.

O sol, para os povos tupis, transcende sua função de astro vital e torna-se uma manifestação divina e espiritual. Representando o brilho de Tupã, a entidade suprema, o sol simboliza a força primordial que sustenta a vida e ilumina o mundo. É sob sua luz que germinam as sementes, crescem nas florestas e se renovam os ciclos naturais, elementos intrinsecamente ligados à existência e subsistência do povo Tupi.

Os Tupis se reconhecem como filhos do sol, herdeiros diretos de sua energia e vitalidade. Essa conexão os guiava em suas práticas cotidianas e rituais espirituais, marcando o tempo, orientando deslocamentos e inspirando preces de gratidão. O sol também era um elo com o sagrado, fonte de calor, luz e proteção, atributos que reforçavam sua centralidade na cosmovisão Tupi. Assim, o sol não era apenas um aspecto natural, mas a presença constante de Tupana na vida terrena, irradiando força, espiritualidade e união com a natureza.

VISAGEM DO ENGERAMENTO:

A IRA DE JURUPARY E A MORTE DO SOL EM PLENO MEIO DIA.

Os povos indígenas possuem uma visão holística do mundo, na qual natureza e espiritualidade estão profundamente interligadas. Fenômenos naturais, como eclipses, tempestades ou mudanças sazonais, são frequentemente interpretados como manifestações do sagrado ou mensagens de entidades divinas. Para essas culturas, a natureza não é apenas um ambiente físico, mas um espaço vivo e espiritual, habitado por forças que influenciam a vida cotidiana.

Essa relação reflete uma cosmovisão em que tudo está conectado. Assim, os fenômenos naturais tornam-se símbolos carregados de significado, que orientam práticas rituais, fortalecem a identidade cultural e reafirmam a ligação entre os homens e o universo.

Para os tupis, o eclipse não era apenas um evento astronômico, mas uma batalha cósmica que refletia a luta constante entre a luz e a escuridão, entre o bem e o mal. Na mitologia dos povos Tupis, Jurupary é muitas vezes retratado como uma entidade de natureza sombria, cujas ações carregam o peso da inveja e da ambição. Segundo uma antiga narrativa, Jurupary, tomado por rancor contra o brilho do sol, buscou roubar sua luz para mergulhar o mundo na escuridão. Para realizar esse feito, recorreu a um pajé feiticeiro, dominador de saberes proibidos, que se transformou em um colossal ser maligno, uma criatura das sombras. Se engerando em onça gigante – Jaguarový – que num bote, atravessa o firmamento para destruir o sol com suas garras. A terra mergulhou em trevas momentâneas, e o povo, horrorizado, interpretou o eclipse solar como o confronto entre o mal e a força divina de Tupã.

Essa lenda não apenas ilustra uma visão sobre o eclipse solar, mas também revela a profunda conexão entre os fenômenos naturais e suas interpretações espirituais. O eclipse, ainda que breve, era um lembrete do poder da luz e da necessidade de união e fé para preservar a harmonia da existência.

VISAGEM DAS SOMBRAS:

DEVANEIOS DO BRILHO DE TUPANA NOS BRAÇOS DE YACÍ.

O sol, *Guaraci-Pyra*, era o reflexo do brilho de Tupã, símbolo da bondade, da vida e da força criadora. Sua luz dourada aquecia a terra, alimentava as plantas e guiava os homens com sua benevolência. Já a noite, regida por Yací, a lua, era um território soturno e misterioso, marcado por seus aspectos mais sombrios e tenebrosos. Embora Yací fosse respeitada como guardiã do descanso e da renovação, também trazia consigo o medo do desconhecido e das forças que espreitam na escuridão. Quando um eclipse acontecia, era como se “Tupã caísse nos braços de Yací”, uma união desequilibrada que mergulhava o mundo na escuridão.

Esse evento era temido pelos Tupis, que acreditavam que monstros celestes estariam devorando o sol, a falta de luz abria caminho para mazelas como doenças, pestes e até a morte. Era um momento de caos, onde a ordem natural parecia desmoronar, exigindo rituais e orações para restaurar o equilíbrio entre o dia e a noite, entre Tupã e Yací.

Esse temor pode ser compreendido como uma resposta cultural à imprevisibilidade de um fenômeno astronômico que parecia inexplicável e ameaçador. A ausência de luz simbolizava não apenas o fim do dia, mas um momento de vulnerabilidade. Era como se o mundo, momentaneamente, perdesse sua ordem natural. Assim, o medo do eclipse não era apenas um sentimento passivo, mas um catalisador para ações ritualísticas e simbólicas que reafirmavam os laços entre o homem, a natureza e o divino.

VISAGEM DA FORÇA:

GUERREIROS DISPARAM FLECHAS DE FOGO PARA ACENDER O CÉU.

Quando o monstro se lançava contra o sol, destruindo-o com suas força imensa, o dia se transformava em noite, e a onça sugava a essência vital do sol, ameaçando quebrar o equilíbrio entre a vida e a morte. Os guerreiros Tupis erguiam os olhos para o céu, buscando a força de Tupã, o grande espírito do trovão e da criação. Com determinação, preparavam suas flechas, não apenas como armas, mas como portadoras do fogo sagrado. A chama que adornava a ponta de cada flecha era um presente de Tupã, uma extensão do poder divino que residia em cada ser humano.

Os guerreiros disparavam suas flechas flamejantes em direção ao céu, simbolizando a força interior que Tupã havia concedido a eles para enfrentar a escuridão. A batalha era intensa; as chamas iluminavam o horizonte como estrelas cadentes, enquanto o povo entoava cânticos e orações para fortalecer os guerreiros e enfraquecer o inimigo. Após uma longa luta, uma flecha certa perfurava o coração do maligno felino. Com um grito estrondoso, o monstro despencava do céu.

A flecha flamejante, com sua chama divina, era mais do que uma arma física; era uma metáfora para a coragem e a fé coletiva do povo, simbolizando a força interior necessária para superar os desafios mais sombrios. A escuridão do eclipse, traduzida em um embate cósmico, revela não apenas o temor do desconhecido, mas também a crença em um poder humano sagrado, concedido pelos deuses, capaz de restaurar a ordem. É uma lembrança de que, mesmo diante da escuridão mais aterradora, a luz interior de um povo pode sempre prevalecer.

VISAGEM DO RENASCER:

A LUZ E A VIDA VOLTAM A REINAR.

Após a intensa batalha o silêncio da escuridão foi rompido por um canto de vitória que ecoou pela floresta. As últimas labaredas das flechas de fogo ainda tremulavam no ar, como estrelas cadentes marcando o triunfo dos guerreiros Tupis. No horizonte, um clarão começou a despontar, tímido, mas crescente. O sol, libertado de suas garras sombrias, erguia-se novamente, espalhando sua luz dourada pela terra.

O retorno do sol não era apenas o fim de um confronto; era o renascimento de tudo o que ele simbolizava. Os raios iluminavam as árvores, os rios e as montanhas, trazendo calor e vida ao mundo. Para os Tupis, este momento era mais do que natural; era sagrado. O brilho do sol não era apenas luz, mas o próprio reflexo de Tupã, o criador e protetor, renovando sua bênção sobre a terra e seu povo.

A alternância entre escuridão e luz não era apenas um fenômeno físico, mas um lembrete de que, mesmo diante da ameaça do caos, a ordem e a vida sempre poderiam ser restauradas. Esse ciclo era visto como uma oportunidade de recomeço, tanto para o mundo natural quanto para a alma humana.

O sol renascido trazia consigo a promessa de fertilidade, crescimento e continuidade. Seus raios eram percebidos como o toque de Tupã, iluminando a terra com sua força divina e reafirmando sua aliança com o povo. Para os Tupis, o renascimento do sol era um momento de introspecção e gratidão, um convite para se alinhar com as forças da natureza e para viver em harmonia com os desígnios divinos.

Assim, o fim da batalha contra o morcego não foi apenas uma vitória; foi uma lição sobre a resiliência e a conexão espiritual entre o humano e o divino. O sol, em todo o seu esplendor, era mais do que um astro no céu, era a luz da esperança, o brilho de Tupã abençoando a terra indígena e renovando a promessa de dias melhores.

Victor Farias – Carnavalesco

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Editora Global, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GUSMÃO, Bartolomeu de. *Cartas Jesuíticas*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MONTEIRO, João Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectivismo ameríndio. *Revista Mana*, v. 2, pág. 115-144, 1996.

- CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-23.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1981. p. 9-27.

REFERÊNCIA AUDIOVISUAL:

TOADA “MORTE DO SOL”: BOI BUMBÁ GARANTIDO 1997

Compositores: Edval Machado, Inaldo Medeiros, Joao Melo e João Wellington de Medeiro

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=jydkaf08wQI>

TOADA “JURUPARI”: BOI BUMBÁ GARANTIDO 2016

Compositores: Demetrios Haidos e Geandro Matos

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=QHj2KNHJimg>

LENDAS GUARACY E YACÍ:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=pdPhxp5PO6Q>

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=WYfzqaAm9qg>

LENDA JURUPARY:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=9Y8U7mr8zL8>

LENDA CHARIA A ONÇA CELESTE:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ow0wNMVKGOU>

LENDA A ONÇA CELESTE:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=6lOj3bfJq4k>

ALDEIA DESSANA TUKAN:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=oiFd4g3D4Ko>

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=iigFlobcqWQ>